

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO  
1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso**

**Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009**

**SILÊNCIO, INTERDITO, REAL DO DISCURSO: A QUESTÃO DO ESTRANHAMENTO EM  
MIGRANTES NO ESTADO DE SÃO PAULO**

Maria José R. F. Coracini  
(UNICAMP)

Parte de um projeto de pesquisa maior sobre migração e identidade, esta comunicação, pretende discutir a questão do não-dito, relacionando-o com o interdito, em situações de migração, mais especificamente de pessoas de várias regiões para o Estado de São Paulo. Entende-se migração como o deslocamento de um Estado ou de uma região para outro(a), dentro do próprio país. Sabemos que o Estado de São Paulo é um pólo migratório importante, que atrai muitos cidadãos de outras regiões por suas universidades, ofertas de emprego – nem sempre tão numerosas e/ou de qualidade quanto a distância e a mídia fazem supor. Apesar desse tipo de migração ser assumida como normal e com naturalidade pelos cidadãos, tanto no contexto escolar quanto no contexto social – a não ser que os migrantes constituam um problema (como os migrantes pobres, vindos sobretudo do norte e nordeste, em situação de rua) – pretende-se problematizar o silêncio que se impõe (ainda que de forma inconsciente) aos migrantes, não concedendo a estes oportunidade de manifestarem o mal-estar, o estranhamento, enfim, o sofrimento que os acomete por meses até se adaptarem, ou melhor, até se inserirem – ou serem inseridos –, por necessidade mais do que por vontade, na cidade, na sociedade, no “novo” contexto. Esse silenciamento funciona para os recém-chegados como um interdito tácito e, ao mesmo tempo, eloquente, por parte daquele que acolhe sem acolher. Antes, porém, articularemos as noções de real da língua, da história e do discurso, argumentando que, não sendo a realidade, constituem, cada qual, formas diversas de atualização do passado, graças ao trabalho da memória que é sempre história (marcada, portanto, pelo real da história) e sempre ficção (marcada pelo real da língua e do discurso. Esse trabalho da memória, longe de remeter a uma instância individual, acena para a configuração sócio-histórica do sujeito do inconsciente. Isso nos leva a assumir a impossibilidade de tratar dessa tríade, sem considerar o real do inconsciente que sabe mais do sujeito do que é possível pressupor. Esse saber que não se sabe conscientemente emerge, na materialidade linguística, sob a forma de lapsos, atos falhos, chistes. O real da língua (Pêcheux) diz respeito basicamente à estrutura gramatical que se apresenta ao falante como um pré-construto, herança que o

sujeito recebe e transforma à medida em que dela faz uso, num dado contexto histórico, imbricando-se, assim, com o real da história. Esta, ao produzir acontecimentos, sempre na presença de enunciadores num dado contexto, realiza rupturas, fazendo emergir o novo no repetível, novo que é o mesmo e o diferente. Se discurso remete a formação discursiva (discurso sempre em formação) e se esta é atravessada por fios de outros discursos (interdiscurso), então, ela só se realiza em práticas discursivas que resistem às regulações impostas pelo momento histórico-social e geográfico (cf. Foucault, *Arqueologia do Saber*, 1968), fazendo emergir a falta constitutiva, as resistências à estabilidade aparente. Não é à toa que Lacan traz a noção de sujeito como “falasser” (*parlêtre*), ser que fala, que é corpo, e, porque fala, está fadado à incompletude, à falta, que dá sentido ao desejo e à busca, vã, de sua realização. Essas noções se inscrevem no espaço teórico dos estudos do discurso, da psicanálise de orientação lacaniana e da desconstrução, que permite questionar essa tríade trazendo à baila a *différance* – um movimento de espaçamento, um “devir-espaço” do tempo, um “devir-tempo” do espaço, uma referência à alteridade, a uma heterogeneidade que não é primordialmente oposicional, mas que trabalha no entre, no hífen que une e separa. É nessa tensão que se encontram os vinte migrantes, cujas histórias de vida – gravadas e transcritas – servem de *corpus* para este trabalho.